

Esta edição da coleção Semeando Socioeconomia tem um objetivo bem específico: estimular as mulheres dos movimentos populares - em particular - a não terem medo da economia e meter as caras para desmistificar essa ciência que tem servido para dominar e excluir do direito ao bem viver dos trabalhadores e em particular das mulheres trabalhadoras. É fruto de um processo de educação popular que já produziu dez edições do “Curso Mulheres e Economia”, nos anos de 2004 a 2009. É uma experiência que acontece na cidade do Rio de Janeiro.

Nesta cartilha são apresentadas os jeitos de “cuidar da casa” - da “Oikos”. Destacando o trabalho doméstico, realizado pelas mulheres, invisível para a economia capitalista e com grande valor para a produção do viver da sociedade como um todo. A metodologia aqui tratada desafia também a entender de forma crítica o funcionamento do Banco Mundial, FMI, orçamento e dívida pública, além da economia solidária e feministas. Todos eles parte importante desse processo de formação aqui tratado.

Saiba mais sobre esta série:

Série *Semeando Socioeconomia*: livretos dedicados às práticas e reflexões sobre o desenvolvimento local, o cooperativismo autogestionário e popular, redes de economia solidária e eixos transversais.

Números anteriores:

1. Construindo a Socioeconomia Solidária do Espaço Local ao Global (bilíngüe)
2. Socioeconomia Solidária: Construindo a Democracia Econômica
3. Histórias de Socioeconomia Solidária
4. Construindo a Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária
5. Agenda Libertária (bilíngüe)
6. Desafios ao Desenvolvimento Local: Terra e Habitação
7. Economia Solidária no Fórum Social 2002
8. Moeda Social e Trocas Solidárias: experiências e desafios para ações transformadoras
9. Modos de fazer socioeconomia: Contribuições à educação popular
10. Modos de fazer socioeconomia: Contribuições à educação popular II
11. Gest(ÃO)ando a vida - Experiências do fazer socioeconomia solidária

Economia política nas mãos das mulheres

Uma experiência
de educação popular



Economia política nas mãos das mulheres: uma experiência de educação popular



Rio de Janeiro, junho de 2010

Sumário

Ficha Técnica:

PACS
Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul
CNPJ.: 31.888.076/0001-29
Av. Rio Branco, 277 / 1609 Centro
CEP 20.040-009 Rio de Janeiro/ RJ
Telefax: (0xx21) 2210-2124
Correio Eletrônico: pacs@pacs.org.br
Sítio do PACS: www.pacs.org.br

Série: Semeando Socioeconomia
Nº 12 - Economia política nas mãos das mulheres:
Uma experiência de educação popular.

Redação:

Leila Salles; Sandra Quintela

Colaboradores:

Beatriz Costa; Maria Eduarda Quiroga;
Karina Kato; Tatiane Silva

Edição:

Gilka Resende

Revisão:

Andréa Rausch de Amorim

Projeto gráfico e capa:

Gabi Caspary

Fotos:

Arquivo PACS

Impressão:

Corbã Editora Artes Gráficas
Tiragem: 1000

Apoio:

Ação Quaresmal
Desenvolvimento e Paz
DKA
Pão para o Mundo
Trocaire
Fundo Finlandês para a Cooperação Local
Cese - Coordenadoria Ecumênica de Serviço

PACS - Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul

Economia política nas mãos das mulheres:
Uma experiência de educação popular.
Rio de Janeiro, PACS, 2010.
p. 76 (Semeando Socioeconomia, 12)

ISBN: 978-85-89366-21-2

1. Educação popular. 2. Metodologia. 3. Economia Solidária. 4. Mulheres. 5. Economia. 6. Economia Popular. 7. Feminismo. 8. Mobilização popular.
I PACS - Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul.
II Título. III. Série

ISBN 978-85-89366-21-2



9 788589 366212

Apresentação

5

Curso Mulheres e Economia - Metodologia

9

Horizontalidade do conhecimento	12
Definição de problemas	15
Falando em combinar... ..	18
Atividades para fazer em casa	22
Desafios	24

Passo a passo: como montar os cursos

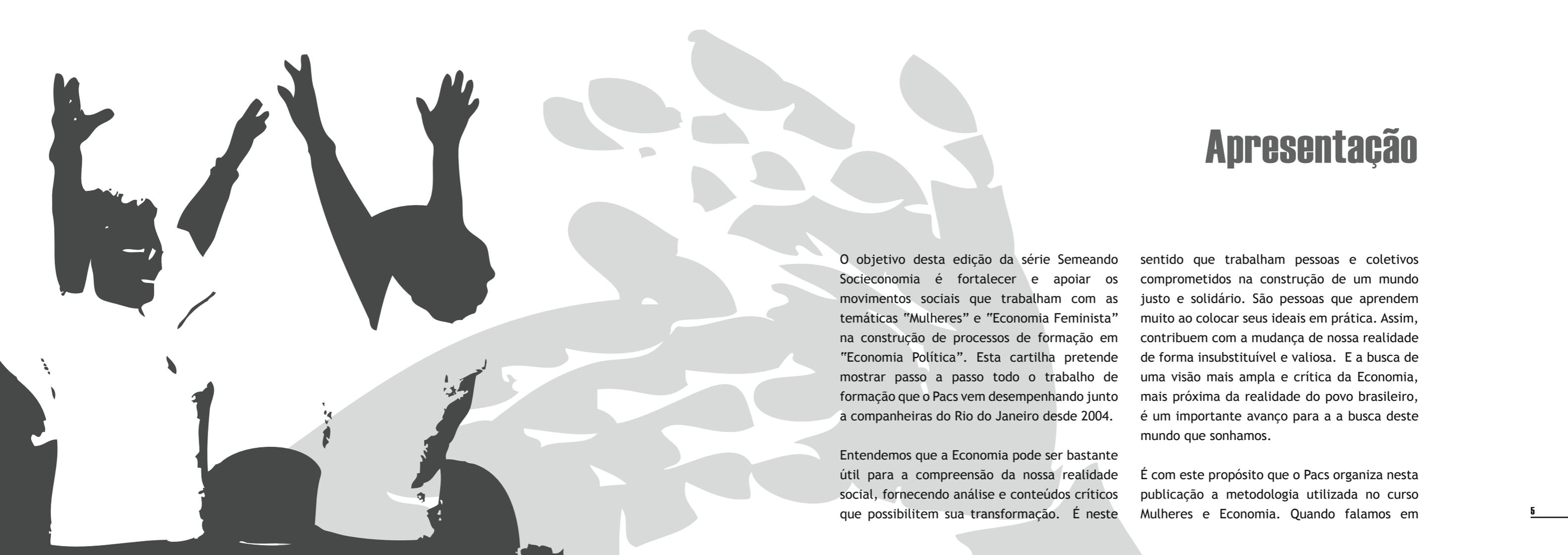
27

Módulo I - Conceitos básicos - Economia e Feminismo	28
Módulo II - Conceito de Trabalho - Direito das mulheres ao emprego	34
Módulo III - Políticas Públicas para as Mulheres	38
Módulo IV - Orçamento Público, Dívida e Superávit	41
Módulo V - Mulheres e Instituições Financeiras Multilaterais (IFI's), as Transnacionais ..	44
Módulo VI - Noções de Socioeconomia Solidária	48

Anexos

54

I - Ficha para Atividade de Casa	54
II - Trabalho de grupo - Atividade de Casa	57
III - Construção do Mapa Conceitual	60
IV - Cartilhas - Feminismo / Mulheres e Economia	65
V - Roteiro para entrevistar uma Mulher de Economia Solidária	70



Apresentação

O objetivo desta edição da série Semeando Socioeconomia é fortalecer e apoiar os movimentos sociais que trabalham com as temáticas “Mulheres” e “Economia Feminista” na construção de processos de formação em “Economia Política”. Esta cartilha pretende mostrar passo a passo todo o trabalho de formação que o Pacs vem desempenhando junto a companheiras do Rio de Janeiro desde 2004.

Entendemos que a Economia pode ser bastante útil para a compreensão da nossa realidade social, fornecendo análise e conteúdos críticos que possibilitem sua transformação. É neste

sentido que trabalham pessoas e coletivos comprometidos na construção de um mundo justo e solidário. São pessoas que aprendem muito ao colocar seus ideais em prática. Assim, contribuem com a mudança de nossa realidade de forma insubstituível e valiosa. E a busca de uma visão mais ampla e crítica da Economia, mais próxima da realidade do povo brasileiro, é um importante avanço para a busca deste mundo que sonhamos.

É com este propósito que o Pacs organiza nesta publicação a metodologia utilizada no curso Mulheres e Economia. Quando falamos em

metodologia nos referimos às formas usadas pelas educadoras populares na construção do conhecimento junto às participantes do curso. A naturalização do trabalho apenas como valor de troca e das relações sociais como formas de exploração sexista constituem os maiores desafios a serem enfrentados quando trabalhamos a economia política com uma abordagem feminista. Essa foi a nossa percepção depois desses anos de experiência no curso Mulheres e Economia, que já formou sete turmas e cerca de 200 mulheres do Rio de Janeiro.

Os estudos trabalham a transformação social centrada numa perspectiva feminista, desmistifica a ciência econômica e dissemina conceitos e ferramentas que, até então, ficavam restritas a meios acadêmicos. Conceitos e ferramentas que são, muitas vezes, utilizados como forma de domínio de uma classe sobre outras. A dinâmica do curso Mulheres e

Economia aposta em reuniões periódicas para a análise de temas específicos da Economia, percorrendo conceitos e decifrando significados. O conteúdo teórico busca estabelecer conexões com a dinâmica da sociedade contemporânea, permitindo às participantes e organizações orientarem suas ações de luta na transformação da realidade vigente.

A riqueza de experiências pessoais das participantes do curso Mulheres e Economia permite dar novos conceitos, por meio da prática, aos fundamentos de uma outra Economia que estamos construindo. Uma economia que não apenas supere os valores neoliberais e o predomínio das leis de mercado e da propriedade privada, mas que também avance na valorização da vida sob todas as suas formas. E que respeite e valorize as diferenças sem as utilizar como meio de dominação e opressão, tanto sexista quanto racial e social.

São pontos fundamentais no curso Mulheres e Economia: fazer uma economia que não seja a economia da lógica do mercado; não tornar natural a opressão que as mulheres sofrem; debater o trabalho como valor de troca e de relações sociais e de gênero e não como forma de exploração.

Com a formação política, salta aos olhos dessas mulheres a opressão cotidiana que elas vivem em diversos espaços de convívio. Não basta apenas compreender a economia e as questões de gênero. É preciso olhar como tudo isso interfere de forma sexista na vida das mulheres. Elas, que ainda ganham salários mais baixos para trabalhos iguais aos exercidos pelos homens. E ainda vivem a situação de sobrejornada de trabalho, quer dizer, trabalham fora e dentro de casa.

Pensamos também, durante esta proposta de formação política, na construção de uma

sociedade que não explore o conjunto da classe trabalhadora, e que não oprima as mulheres. Por isso, é necessário colocarmos no centro do debate a sustentabilidade da vida humana e também do planeta. Temos consciência de que nosso caminho pela frente é árduo. Mas isso não nos desanima. Dedicamos esta publicação às mulheres que mesmo com as dificuldades de um cotidiano agitado não deixam de dedicar parte de suas vidas aos estudos e à vida política. É a coragem delas que dá força ao curso Mulheres e Economia.

Boa leitura!



Curso Mulheres e Economia

Metodologia

A primeira edição do curso foi realizada em 2005. Na ocasião, com a crescente luta das mulheres na busca pelo cumprimento de seus direitos humanos, sociais, econômicos, políticos e culturais, vimos a necessidade de estruturar uma metodologia de apoio a essas lutas. A luta das mulheres se utiliza de diferentes instrumentos para intervir nas políticas públicas relacionadas ao trabalho, à saúde, à educação, entre outros. Todo esse contexto contribuía e reforçava a participação das mulheres nas organizações sociais. Contudo, mesmo com as vitórias que as mulheres vinham alcançando,

muitas vezes não conseguiam avançar em suas conquistas. Por meio de relatos, percebemos que existia a falta de ferramentas técnicas para isso. E foi assim que resolvemos construir o curso Mulheres e Economia.

Desde o início, percebemos que o Pacs não poderia construir esse curso sozinho. Naquele momento já éramos parte da Rede Economia e Feminismo, que foi um espaço fundamental para termos o contato com a economia feminista, por exemplo. As Companheiras da REF nos desafiaram a criar um curso de formação

para as mulheres no meio popular. Aceitamos o desafio e junto com a Casa da Mulher Trabalhadora – Camtra – desenvolvemos o primeiro piloto do curso.

Não bastaria e nem seria adequado montar uma metodologia fechada, de cima para baixo. Isso pelo fato de acreditarmos que o conhecimento precisa ser construído de forma coletiva, moldado em conjunto. Optamos, portanto, por uma metodologia autogestionária, e esta é, atualmente, a nossa maior riqueza. O processo pedagógico para a realização deste trabalho vem se construindo a partir do diálogo com as mulheres trabalhadoras, participantes de organizações e movimentos sociais, além de sindicalistas.

Para escolher as abordagens do curso Mulheres e Economia, portanto, partimos de uma proposta experimental, conformando um projeto-piloto, realizado em 2004. Convidamos algumas mulheres de diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro e de municípios vizinhos para

participarem de encontros, cujo objetivo era pensar e construir em conjunto este projeto de formação. Nossos principais questionamentos eram: como iniciar um processo de formação em Economia Política sob uma ótica feminista? Qual seria o melhor formato para o curso?

Queríamos construir um jeito novo de formação, com uma metodologia que desse gosto na luta, que provocasse a mudança social. Começamos, então, a realizar oficinas temáticas na perspectiva de ouvir quais seriam as necessidades e lacunas que essas mulheres identificavam em sua formação política. Foi assim que as atividades começaram a dar certo, a obter participação e resultados. Já são cinco anos de curso Mulheres e Economia. Hoje já temos o curso avançado. Para para a formatação deste Curso II (continuidade do primeiro para as alunas que já fizeram o curso Mulheres e Economia I), o Pacs convidou mulheres participantes de outras edições do Curso I, em 2008, para a formulação de um projeto-piloto. E neste ano foi realizada a



primeira edição do curso Mulheres e Economia II, com a participação de 20 mulheres.

Foi desta experiência que extraímos particularidades e vitórias que gostaríamos de compartilhar com todos os leitores desta publicação. Desejamos que ela seja mais um instrumento de apoio também para outras mulheres trabalhadoras, em diversos cantos do

Brasil. Queremos fortalecer a luta das mulheres sem distinção, das trabalhadoras formalizadas, com registro em carteira ou contrato, mas também aquelas que não são reconhecidas e valorizadas pelo modelo socioeconômico capitalista. Um exemplo específico desta situação é o das trabalhadoras domésticas, que têm seus afazeres invisibilizados.

Horizontalidade do conhecimento

O que nos chama a atenção ao longo deste processo é o modo como as atividades são iniciadas. Chamaremos este processo de educação popular. Nele, procuramos refletir sobre os caminhos de construção de uma nova sociedade. Caminhos construídos de forma horizontal, com a participação de todos, sem hierarquias. As opiniões das participantes do curso são essenciais para socializar-se o conhecimento construído durante a formação política. A avaliação se dá ao longo dos encontros, principalmente quando, no final do curso, propomos que cada uma escreva uma carta, como se fosse enviá-la para outras mulheres, contando como foi participar do curso Mulheres e Economia. Cada carta nos revelou o quão conscientes estavam essas mulheres, como podemos ver na carta a seguir.

Estou te escrevendo esta carta para te contar como foi o nosso curso mulheres e economia. Como foi maravilhoso e me surpreenderam as coisas que aprendi. Descobri que cada vez mais temos de lutar e guerrear pelos nossos direitos e fazer com que novas pessoas se engajem nessas idéias e conhecimentos. Vi que tudo o que temos em nosso país pode ser surrupiado em nossa cara e ainda estamos sorrindo, pensando como somos bananas e aceitamos. Nada fazemos, por comodidade e desleixo. Esperamos que o outro faça e ficamos iguais a passarinhos no ninho, de boca aberta esperando acontecer. Por isso na próxima turma, cara amiga, quero que participe comigo para ampliar teu conhecimento e ajudar a aumentar nossa defesa como "Mulheres que Somos". Nós somos mulheres guerreiras, não somos só peito e bunda, somos gente que pensa age e conquista.

Um grande abraço da amiga Cesira!

Essa maneira horizontal de participação é um diferencial do curso Mulheres e Economia. Ela faz a contraposição às formalidades impostas pela escola institucionalizada: dar nota, marcar faltas, provas, um método que inibe a maioria das participantes. Para não reproduzirmos o jeito vertical das relações de uma sala de aula tradicional, os aprendizados acontecem à medida que conseguimos avançar na discussão dos temas propostos. Acreditamos na troca de saberes e temos consciência de que os limites de tempo para o aprendizado são diferentes para cada participante.

O espaço de aprendizado também diz muito sobre a quebra da autoridade do conhecimento. Acreditamos que cada militante que se propõe a realizar um processo de formação política deve se sentir parte do processo. Colocar essa teoria em prática é difícil, já que nossa educação escolar, desde os Jesuítas, nos condicionou aos detentores do conhecimento, hierarquizando a maneira de contribuir na construção dos saberes.



Em nossa opinião, essa sistemática inibe a maioria das participantes e castra sua criatividade e capacidade de construir um saber próprio. Não queremos reproduzir esse método vertical das relações em sala de aula, uma vez que acreditamos na troca de saberes, nos limites de tempo de cada uma dessas relações e na construção conjunta dos saberes.

A tentativa de horizontalizar o conhecimento também se reflete na arrumação da sala, sempre em roda. Ninguém ganha destaque maior ou ocupa uma posição mais central, todas são parte do processo. Procuramos também enfeitar a sala de forma que ela ganhe o “nosso jeito”. Nestas atividades, onde também todas participam, colamos e fazemos cartazes com temas a serem discutidos no curso, com fotos de grandes feministas, com flores, com bandeiras das organizações e movimentos que nos apoiam ou participam dos encontros.

Para a coerência na construção deste método de educação popular, devemos prestar atenção nos mínimos detalhes. Nas aulas, as atividades já são iniciadas com uma dinâmica construída por todas e para todas sem nenhuma obrigatoriedade. O que fazemos é um convite para estarmos juntas e compartilharmos os saberes. O objetivo é fazer com que nos sintamos à vontade, olhando umas nos olhos das outras e criando uma cumplicidade que possibilitará a construção do curso mais adiante.

Nas dinâmicas, todas são convidadas a apresentar suas expectativas com o curso:

- *O que queremos participando do processo?*
- *O que esperamos?*
- *Para que estamos neste espaço?*

As respostas, ainda que bem diferenciadas, sempre abordam razões como:

- *liberdade;*
- *dividir as tarefas diárias de casa;*
- *estudar;*
- *aprender sobre política e economia para tentar mudar a vida;*
- *conhecer mais sobre economia para intervir junto aos gestores públicos.*

Esse processo de querer mudar, esse desejo de intervir, também interfere na forma como nós, educadoras e educadores populares, nos inserimos no curso. Ele nos envolve porque somos parte dele. É o nosso dia-a-dia que está inserido nessa história.

O fato de termos níveis de escolaridade e profissões diversas não faz diferença. Pelo contrário, o que nos une nessa formação é desempenharmos tarefas iguais, de uma mesma perspectiva, e que nos foram designadas. Assim é mais fácil encaminhar uma discussão, combinar o que cada uma quer fazer ou pode fazer. Isso de uma maneira mais agradável, e sem sobrecarregar nenhuma mulher.

A tentativa de mudar as práticas dentro do curso pode se refletir no cotidiano das mulheres. As tarefas domésticas e de cuidados com a vida humana, que tradicionalmente são consideradas deveres da dona de casa, coisa de mulher, servem como exemplos. A nossa discussão não é se gostamos ou não de fazê-las, mas de que elas podem ser compartilhadas com toda a família ou com os pertencentes a determinado grupo de convívio. Sejam homens, mulheres, crianças ou idosos. Também faz parte do curso Mulheres e Economia a tentativa de compreendermos por que, historicamente, estas tarefas foram designadas às mulheres,

e como isso caracteriza o sistema econômico que vivemos como machista e patriarcal, sobrenomes do capitalismo.

Definição de problemas

A importância de envolvermos as mulheres em um estudo da Economia tem a ver com a necessidade de compreendermos a realidade social a qual estamos inseridas. Na nossa opinião, essa discussão passa pela raiz patriarcal. Na sociedade, está naturalizada a diferenciação do que são tarefas para mulheres e o que são trabalhos para homens.

Neste contexto, o curso Mulheres e Economia busca apresentar e discutir: conceitos básicos da economia, profundamente impregnada de cultura patriarcal – que direciona a vida calcada em teorias sexistas – e também conceitos básicos do feminismo, que surgiu com força como um movimento de luta das mulheres.



A diversidade de mulheres motivadas em participar enriqueceu nosso trabalho. São mulheres de várias classes sociais, de diferentes escolaridades e raças, que, no entanto, padecem dos mesmos problemas no que diz respeito ao trabalho. Problemas como a sobrejornada de trabalho; a diferença de salários para o mesmo tipo de trabalho que concorrem mulheres e homens; a não valorização do trabalho doméstico. Essas são evidentes características

de perpetuação da condição de inferioridade da mulher, pertencente a uma mesma estrutura econômica do sistema capitalista que se apropria da riqueza gerada pelo trabalho invisibilizado da mulher.

Por tudo isso, apresentar os conceitos básicos de trabalho e como ele é dividido por sexo, raça e classe é também um tema profundamente trabalhado durante o curso. O

intuito é munir as mulheres com um conjunto de ferramentas teóricas capazes de contribuir na luta por políticas públicas que combatam as desigualdades de gênero e desconstruam essa estrutura de sociedade patriarcal. Esse objetivo colabora com a luta por um Estado que cumpra o seu papel de provedor dos direitos necessários à população. As políticas públicas para as mulheres constituem-se como importante meio para diminuir o peso que estas carregam das atribuições impostas pelo sexismo.

Essa temática não é feita de forma isolada. O estudo aprofundado dessas questões induziu, por exemplo, às mulheres a estarem atentas aos acordos financeiros multilaterais feitos pelos governos, como empréstimos junto ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Acordos que condicionam o País a seguir com políticas de reajustes fiscais, cortando gastos destinados a áreas sociais, reduzindo verbas destinadas a políticas públicas, necessárias à vida das mulheres.

Outros tópicos de estudo são: orçamento público; dívidas externa e interna; e superávit primário. Mas o que isso tem a ver com a vida dessas mulheres? Ao contrair empréstimos, o governo brasileiro reorganiza as contas do orçamento, realocando verbas que deveriam ser destinadas à saúde, educação, moradia, entre outras áreas importantes. Isso, muitas vezes, para atingir metas de superávit primário e para o pagamento de dívidas financeiras, deixando de lado a dívida com a sociedade.

Todos os temas que abordamos ao longo do curso servem de base para pensarmos nos fundamentos para uma outra economia. Incluímos, então, como tema final, o estudo de noções de economia solidária. A ideia é pautar a transformação da economia que temos hoje, financeirizada e centrada no lucro máximo. No curso Mulheres e Economia construímos conhecimentos em torno de uma economia que seja solidária e esteja centrada no trabalho, na cooperação e na sustentabilidade da vida humana.



Falando em combinar...

No decorrer dos anos, de 2005 a 2009, mantivemos o processo de construção pedagógica coletiva. Definimos os temas macro, meso e microeconômicos que deveriam compor o programa do curso.

No entanto, cabe lembrar sempre que o foco principal é entender e desconstruir o modo como a mulher se insere no atual contexto socioeconômico e político da sociedade capitalista.

O curso Mulheres e Economia é composto por:

Módulo I - Conceitos Básicos de Economia e Feminismo;

Módulo II - Conceitos Básicos de Trabalho;

Módulo III - Políticas Públicas para as Mulheres;

Módulo IV - Orçamento Público, Dívida e Superávit Primário;

Módulo V - Mulheres e as IFIs; e

Módulo VI - Noções de Economia Solidária.

Também faz parte da nossa política o convite às mulheres para fazerem parte da coordenação político-pedagógica do curso subsequente. Buscamos, assim, enriquecer nossa proposta com os saberes e os depoimentos trazidos por elas. Esta proposta de construção coletiva tem tido bons resultados.

Como uma das formas de divulgar a proposta, produzimos uma ficha de inscrição do curso. São as próprias educandas as responsáveis pela

distribuição deste material. Ao longo desses anos de Mulheres e Economia, percebemos que, no primeiro dia de formação, o número de mulheres é maior, com cerca de 60 inscritas. Normalmente, trabalhamos com grupos menores de mulheres. Então, essa margem é importante, pois já no segundo encontro esse número se reduz para aproximadamente 40. A partir do terceiro encontro, costumam ficar apenas as mulheres que seguirão até o final: em torno de 35 mulheres.

Essa não é uma regra matemática, nem sempre vai ser assim. Achamos que todos os leitores e leitoras sabem disso. Porém, cabe destacar que nosso curso é construído em um contexto de dificuldades que impedem a participação política das mulheres. São problemas financeiros, de transporte, ou até mesmo a implicância de um marido, entre outros impedimentos.

No nosso caso, o Mulheres e Economia é desenvolvido na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

A ZONA OESTE

A região da Zona Oeste do Rio de Janeiro é formada pelas Regiões Administrativas de Bangu, Barra da Tijuca, Campo Grande, Guaratiba, Jacarepaguá, Realengo e Santa Cruz. Trata-se de uma região que apresenta grandes contrastes, abrigando áreas de intensa urbanização e ocupação, como Realengo e Santa Cruz, e regiões que ainda apresentam mais da metade de sua superfície ocupada por áreas naturais, como mangues e mata atlântica. Ao longo das últimas décadas, a Zona Oeste vem sendo palco de intensas transformações de ordem econômica e social, o que tem contribuído ainda mais para a acentuação desses contrastes. Claramente ampliam-se as disparidades econômicas e sociais entre diferentes áreas constituintes da Zona Oeste. O perfil econômico desta área reflete esses contrastes. Assim, por um lado temos áreas industrializadas, com maior urbanização, fruto de surtos de industrialização anteriores

(iniciados em 1950), e, por outro, áreas mais naturais e menos artificializadas, cuja economia gira em torno da pesca e de atividades relacionadas ao turismo.

A Zona Oeste (excetuando-se a Barra da Tijuca) possui índices bem inferiores de escolaridade, renda, saneamento básico, fornecimento de água e outros serviços. Este quadro influencia os índices de qualidade de vida da população da região (IDH) e contribui para que a mão-de-obra seja barata e pouco organizada, um elemento-chave para as empresas no processo de escolha do local para seus empreendimentos. São áreas que apresentam, portanto, a maior concentração de população negra e de baixa renda no Estado do Rio de Janeiro, com aluguéis e terrenos mais baratos e desvalorizados. A população, normalmente, possui menores poderes políticos e econômicos para incidir nas decisões públicas sobre o território. Isso determina uma distribuição espacial desigual dos danos ambientais e dos riscos,

produzindo situações de injustiça e de racismo ambiental.

Nesse quadro de marginalização sociogeográfica, cumpre destacar o papel ativo exercido ao longo dos anos pelos poderes públicos. O Estado, por meio das políticas públicas implementadas, da ausência de fiscalização e de suas omissões, tem desempenhado um papel que, ao invés de reverter essa situação, tem reforçado este quadro de abandono e exploração de recursos humanos e ambientais. Em sua ação, continua a dirigir os investimentos para obras e melhorias urbanas de maneira desigual, concentradora e excludente. Os investimentos sociais (saneamento, escolas, centros culturais, bibliotecas, hospitais e postos de saúde, e transporte) na Zona Sul continuam sendo bem maiores (em quantidade e em qualidade) do que na Zona Oeste, o que não só cristaliza os padrões de desigualdade econômica, social e no acesso às políticas públicas, como acentua essa disparidade.



Essas dificuldades enfrentadas só confirmam a necessidade de formação e participação política da população. No curso Mulheres e Economia, realizamos seis encontros, de maneira que cada módulo corresponde a um dia do curso. Os módulos são introdutórios e têm duração de cinco horas nos dias de semana e de oito horas aos sábados. A maioria das participantes do Mulheres e Economia é responsável pelo cuidado da suas casas ou exerce alguma



atividade informal. Foi principalmente por esse motivo que decidimos realizar encontros com dias diferenciados e também a cada 15 dias, um bom tempo para se programar e organizar a participação. Essa é uma forma de não intervir bruscamente na rotina dessas mulheres.

Atividades para fazer em casa

Como cada módulo é realizado de 15 em 15 dias, para que as mulheres não percam o entusiasmo pelos estudos, são propostas atividades de casa. Vemos importância na pesquisa de campo e, ao final de cada módulo, são definidas tarefas que deverão ser realizadas entre um módulo e outro. Em anexo, estão alguns desses exercícios de casa.

O objetivo maior é desenvolver um senso de pesquisa e investigação sobre a região em que as mulheres vivem e atuam. Assim, elas podem despertar interesse em conhecer melhor o seu bairro, município, estado e país. Neste processo de pesquisa, as mulheres não querem apenas recolher dados e conhecimentos, mas ser parte do processo de descoberta destes mesmos dados. Entre os entrevistados estão moradores, pequenos empresários locais, gestores da saúde, representantes de associações de bairro, etc. Assim, vão-se descobrindo especificidades da economia e da política do local onde moram.

Alguns depoimentos

- *"Queremos fazer a pesquisa sobre saúde, educação, transporte... ou seja, descobrir como anda o desenvolvimento no nosso bairro, para que possam ter argumentos na luta por políticas públicas que são isentas na maioria das localidades que residimos".*

- *"Hoje sabemos a quem servem as políticas públicas vigentes no estado e município em que moramos".*

- *"A nossa atuação na nossa realidade local nos permite dizer não, por exemplo, a candidatos que vêm com promessas que sabemos que não serão cumpridas, mas que serão usadas apenas como troca de votos. Isso nós não aceitamos mais".*

As educadoras que frequentam o curso Mulheres e Economia têm o cuidado de trocar informações, participar de seminários, encontros e oficinas que ampliam e atualizam os horizontes de discussão sobre o Feminismo e a Economia. Isso pelo fato de também ser intenção do curso criar espaços partilhados com toda a sociedade

civil, permitindo a interação das relações de maneira plena. Temas relacionados às questões de gênero, como etnia, classe, discriminação, preconceito, cidadania, direitos sociais, entre outros, sempre foram debatidos com o conjunto de mulheres que fazem parte da história do curso Mulheres e Economia.



Desafios

O enfrentamento dos problemas provenientes de uma sociedade desigual também se dá na superação de cada mulher trabalhadora, que, mesmo com tantas tarefas para realizar, diz sim à luta político-social. É um grande avanço contar com elas na construção de uma nova sociedade. Mulheres que resistem apesar de tantas atribuições impostas pelo sistema capitalista, patriarcal e machista.

Mas é difícil fazer política e participar de debates e ações quando se têm que cuidar da casa e dos filhos praticamente sozinhas, e ainda realizar trabalhos extras para o complemento de suas rendas. Essa é uma realidade desafiadora à maior parte das participantes do Curso Mulheres e Economia.

“Alice! Aprendi tanta coisa neste curso! Olha, nós mulheres que somos donas de casa, muitas vezes, por falta de informação e participação, ficamos meio bitoladas. Ficamos só pensando nos nossos maridos, nossos filhos, e esquecemos que somos importantes também. Precisamos participar dos eventos em que possamos expressar nossas ideias, projetos e sonhos. Afinal, somos necessárias para ajudar a construir um mundo melhor, não devemos nos omitir nem nos acomodarmos e deixar que a sociedade dite as leis. Alice, um grande abraço de sua amiga Vera Diniz C. Oliveira”.

O desdobramento do curso acontece com a realização de um seminário anual. A atividade também é organizada em conjunto com uma coordenação político-pedagógica participativa, onde definimos juntas os temas para debate, o local para o evento, tempo do seminário, alimentação, dinâmicas e por aí vai. O diferencial é que a partir do ano de 2007, este seminário passa a acontecer em lugares fora da cidade do Rio de Janeiro, permitindo uma dedicação mais concentrada nos estudos, pois, geralmente, quando é na cidade, as mulheres em sua maioria saem mais cedo e chegam mais tarde, para dar conta das atividades domésticas. Realizamos ainda oficinas temáticas, em ações como hortas urbanas, saúde preventiva e outras. As mulheres convidadas são todas as que já participaram dos cursos anteriores, não importando em que ano. Compreendemos que este momento é também para uma relação de proximidade e trocas de acontecimentos da vida privada como ter conseguido um emprego, ou afastamento por doenças pessoais ou de familiares, nascimento de um filho/a, viagem

para outro Estado. Discutimos temas como a divisão sexual do trabalho, violência contra a mulher, soberania alimentar, agroecologia, agricultura urbana, economia solidária, saúde da mulher, entre outros. Comemoramos também o aniversário do Comitê Popular de Mulheres-RJ, com um belo churrasco de confraternização e muita dança, comes e bebes.

Em 2006, por exemplo, surge dentro do seminário o Comitê Popular de Mulheres - RJ com planos para a continuidade do processo de formação política dessas mulheres. O principal questionamento era: o que fazer a partir do conhecimento e dos interesses que temos em comum?

A proposta do Comitê Popular de Mulheres - RJ é bastante construtiva e proveitosa. Desde o seu surgimento, as componentes se reúnem uma vez por mês. Os encontros têm duração de uma tarde ou manhã, mais ou menos quatro horas. Materiais didáticos e artigos de análise política são lidos e debatidos. Assuntos como

violência contra a mulher, soberania alimentar, militarização de periferias, saúde, gênero e economia solidária estão sempre em pauta. Hoje o Comitê está mais fortalecido. As integrantes participam de atos públicos, seminários, conferências, audiências públicas, algumas já compõem a Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste do Rio de Janeiro, entre outros espaços de atuação. Além disso, também é característica do grupo a produção de produtos como o artesanato com biscuit e com escama de peixe, bolsas ecológicas, além da troca de sementes e fibras vegetais.

O Comitê Popular de Mulheres fabrica seus produtos aos moldes da economia solidária, isto é, sem deixar de pensar no desenvolvimento integral do ser humano e da sociedade, sem se esquecer da preservação da natureza. Essa foi a maneira encontrada por elas de colocar em prática as possibilidades e descobertas no curso e no dia-a-dia.



Passo a passo: como montar os cursos

Neste capítulo, vamos detalhar o conteúdo de cada um dos seis módulos realizados no Mulheres e Economia. Nosso maior objetivo é estimular outras companheiras a montar processos semelhantes, respeitando, é claro, a realidade vivida pelas mulheres em cada região ou localidade do nosso país. Queremos mostrar a nossa experiência para que a partir dela nasçam novas maneiras de formação política e militância de mulheres.

Como criar um ambiente de troca e confiança entre mulheres que acabaram de se conhecer? Mulheres que, por vezes, vivenciam pela primeira vez uma experiência de discussão política. Sabendo que muita gente costuma torcer o nariz para palavrinhas como economia, política e feminismo, a quebra de preconceito passa pela linguagem e pelas maneiras de se praticar a educação popular.

Um bom processo para “quebrar o gelo” é o das dinâmicas. Para muitos movimentos sociais, essas brincadeiras são chamadas de “místicas”. Isso por serem carregadas de sentidos e representação. Essa interação pode ser a partir de uma música ou por meio de brincadeiras bem simples, como nos exemplos a seguir.

A Batata Quente

A animadora convida as participantes a ficarem em círculo. Qual a batata quente? Cada participante se apresentava e dizia o que esperava do curso segurando uma batata.

Quando acabava de falar jogava a batata para outra participante; ficamos todas em roda para que possamos olhar e trocar: expectativas e boas energias.

Discussão final livre sobre todos os trabalhos.



Bochicho

No aparelho toca uma música animada. [Mulher Brasileira] . As mulheres, então, andam pelos cantos da sala até que uma delas bate palmas. Este é o sinal para que duplas se formem. Daí

as duas mulheres passam a conversar durante cinco, dez minutos. Falam sobre si, sobre a realidade de onde vivem, ou sobre um assunto que lhes chama atenção no momento. Depois, voltam a abrir uma grande roda. Nisso, cada uma apresenta ao coletivo sua companheira de “cochicho” e não a si mesma. O objetivo é criarmos uma relação interpessoal para no decorrer do curso ficarmos menos tímidas e desenvolvermos de maneira mais agradável para todas.

Depois que todas já se conhecem, é hora de apresentar o Pacs e falar sobre o histórico do curso Mulheres e Economia, sobre os desafios e expectativas da nova turma. Uma pastinha traz o material didático: cartinha do curso, programação com o roteiro dos módulos, jornais impressos, entre outras publicações produzidas pelo Pacs, cadernos de música e poemas sobre mulheres.

O curso Mulheres e Economia também tem a função de lembrar a luta das mulheres.

A intenção é contar a história de vida de mulheres como Rosa de Luxemburgo e Ângela Borba, como exemplos. Separadas em grupos, elas têm contato com biografias de mulheres feministas. O nome de cada lutadora fica sendo o nome do grupo, que permanece o mesmo até o final do curso.

A primeira tarefa proposta aos grupos é a seguinte: construir regras de convivência, discutir as expectativas do curso, fazer previsões de como esse curso estaria até o final, e também apresentar um pouco a biografia estudada por cada grupo para toda a turma. Esta atividade tem a duração 30 a 35 minutos, em média.

Intervalos entre essas atividades de estudo são importantes. Após um lanche que dura de 15 a 20 minutos, os grupos retornam. Para animar a turma, as mulheres puxam palavras de ordem como: “A nossa luta é todo dia, somos mulheres e não mercadoria!”, ou letras de músicas animadas que motivem a autoestima das mulheres.

Com as propostas já discutidas nos grupos, as mulheres definem o que há de comum entre as decisões dos grupos e o que é prioridade para o bom funcionamento dos cinco próximos encontros.

A atividade principal do Módulo I é a construção do Mapa Conceitual sobre o tema Economia e Feminismo, onde sugerimos que os grupos se formem e descrevam o que é feminismo, colocando a palavra no meio da folha de papel pardo e dizendo palavras que definem Feminismo para elas, o que permite o empoderamento desta construção de conceitos a partir dos saberes trazidos por cada uma. Os grupos novamente se separam e passam a ler e discutir textos da Cartilha.

No final de cada módulo, geralmente damos informes das ações/eventos que acontecem nas agendas feministas, como atos públicos, audiências, seminários, oficinas, etc.

Texto 1: Economia e Feminismo - conceitos básicos

O **Feminismo** é um movimento político de ideias e práticas que têm o objetivo de construir um mundo melhor, com justiça e igualdade para todos e, sobretudo, sem opressão e discriminação às mulheres, de qualquer tipo, seja essa discriminação política, econômica, sexual, etc. Uma mulher feminista é uma mulher que luta pelos seus direitos para acabar com as desigualdades entre mulheres e homens e não para ser superior a estes.

Desde o século XVIII, quando as mulheres, assim como os homens, foram trabalhar nas fábricas, nós, mulheres, nos organizamos para lutar pelos nossos direitos. No entanto, o feminismo passou a ser reconhecido como movimento apenas no fim do



século XIX e desenvolveu-se com mais ou menos força em diferentes períodos.

As mulheres já participavam do mercado de trabalho, principalmente as das classes mais pobres, porém o começo do século XX no Brasil é caracterizado como o período em que as mulheres formaram grandes organizações, lutaram e conquistaram o direito à educação, ao voto e a certas profissões, como a advocacia

e o magistério (vale lembrar que muitas mulheres já trabalhavam como professoras, e algumas até como diretoras de escolas no século XIX). As trabalhadoras, no Brasil e no mundo, destacam-se na luta por melhores condições de trabalho e salário.

→ QUE QUEIMEM OS SUTIÃS!

O feminismo colocou a importância de separar maternidade de sexualidade e defendeu o direito das mulheres de expressar seu desejo sexual. Construiu formas coletivas de expressão das mulheres. Colocou a questão da sua autonomia e do seu poder de decidir e escolher. Questionou a repressão, a imposição e o castigo. Ao questionar a supremacia masculina, contribuiu também para construir o conceito de perigo sexual para as mulheres.

Texto 2 : Tópicos sobre Economia Política.

- Trabalho criando valor

Tanto o valor de uso como o de troca são produzidos pelo trabalho humano. Pode-se dizer, portanto, que **só o trabalho humano cria valor**. Pela maneira pela qual a economia está estruturada e organizada, somente bens e/ou serviços que possam ser comercializados, colocados no mercado, são viáveis economicamente, uma vez que eles têm **valor de troca**. Para aqueles que possuem apenas **valor de uso**, seu lugar é infinitamente inferior na escala de

valores da ciência econômica. Assim, historicamente, o trabalho realizado pelas mulheres não teve o reconhecimento merecido, uma vez que o que elas faziam não tinha valor de troca e existia em abundância. Portanto, o alto valor do trabalho doméstico foi desvalorizado por ter valor de uso.

- A origem do valor de troca

O que permite que um bem possa ser trocado por outro, isto é, que tenha valor de troca, é precisamente o **trabalho humano**, contido em **todos** os bens, que permite serem estes trocados entre si.

Na volta, os grupos apresentam os mapas conceituais que eles mesmos construíram. Todas debatem os conceitos trabalhados. Os questionamentos introduzidos durante o debate recebem atenção. Alguns deles são: a lógica do

sistema capitalista; desemprego; o processo histórico da luta das mulheres por conquistas dos direitos; divisão sexual do trabalho; e invisibilidade do trabalho doméstico, entre outros.

Outra ferramenta fundamental é a série radiofônica “Trocando em Miúdos”. A comunicação oral é importante para a apropriação de conhecimento, principalmente para mulheres que tiveram dificuldades de acesso à educação. Para esse primeiro módulo, o programa de rádio “Mercantilização das Mulheres” chama atenção para como o corpo da mulher é constantemente visto como mercadoria em propagandas da TV, jornais e no próprio rádio.

Programa de rádio Trocando em Miúdos - Para ouvir acesse o site: http://www.pacs.org.br/publicacoes_audiovisuais.php

Para que essas mulheres não percam o interesse pelos estudos e pelas temáticas do curso, incentivamos o estudo em casa. Neste módulo, a primeira atividade proposta é o preenchimento do quadro das tarefas realizadas no lar.

Para expandir o conhecimento das próprias mulheres sobre o local onde elas vivem, pedimos que elas conversem com duas outras mulheres do seu bairro, comunidade ou campo de trabalho. Para o estudo do tema “trabalho na atual conjuntura”, ou seja, de acordo com os acontecimentos do momento, pedimos duas entrevistas: uma com trabalhadora formal (carteira assinada) e outra com trabalhadora informal.

Nem sempre as atividades são aceitas ou cumpridas. De qualquer forma, a atividade é importante para motivar e fortalecer laços comunitários com essas mulheres. Como forma de incentivo, avisamos que as mulheres que trouxerem as atividades prontas no módulo II farão parte de um sorteio. O prêmio? Livros sobre os temas do curso Mulheres e Economia e artesanatos e produtos confeccionados por grupos de Economia Solidária.

Neste segundo módulo, o encontro das mulheres vai de 9h às 17h. O tema “Conceito de Trabalho - direito das mulheres ao emprego” é aprofundado a partir de três eixos: modo de produção capitalista; divisão sexual do trabalho; e patriarcado.

A dinâmica inicial, como é de costume, é feita com músicas e místicas que representem as mulheres em luta, o tema a ser discutido, entre outras criatividade.

Assim como usamos recursos de áudio para democratizar os conceitos teóricos em linguagem mais fácil, outra ferramenta de comunicação é o vídeo. O documentário “Mulheres e o Mundo do Trabalho”, realizado pelo Pacs, é exibido neste módulo. Produções de parceiros também são usadas, como o filme “Marcha Mundial de Mulheres: 8 de março”. Depois, o programa de rádio Trocando em Miúdos, Mulheres x Mercantilização. Para ouvir o programa de rádio Trocando em Miúdos acesse o *site*: www.pacs.org.br/publicacoes_audiovisuais.php

Um poema para as mulheres *Mariana Boujikian Felipe*

Cresceram
Lutaram
Abraçaram e conquistaram
Viveram e aprenderam...
Venceram e perderam...
Mas sempre de cabeça para o alto
Velhas ou jovens.
Rigorosas, algumas fofas.
Perfeccionistas devemos admitir...
Mas quando se trata de homens...
Nos faz até rir!
Nos amam nos imitam
Mas nunca são iguais
Ser mulher não é um objetivo
É algo que vai crescendo...
Depois a gente constrói a gente
Que faz!
Do Brasil ou no mundo
Mais belas do que nunca
Impenetráveis
Indomáveis
Deliciosamente
Carinhosas e amáveis...

Mulheres!

O Filme “Mulheres e o Mundo do Trabalho” destaca as relações sociais desiguais de trabalho e a questão de gênero, evidenciando dificuldades enfrentadas pelas mulheres frente ao atual modelo econômico.

O capitalismo se aproveita da precarização do trabalho feminino. “Para funcionar”, o sistema capitalista precisa do trabalho reprodutivo, que é aquele trabalho invisibilizado, como os serviços do lar.

A apresentação das produções é intercalada por debates. A participação é grande, já que essas mulheres se identificam com a realidade mostrada nos filmes e programas de rádio. Essa prática cria proximidade e aumenta a confiança entre as mulheres.

Depois disso, as integrantes dos diferentes grupos do Mulheres e Economia apresentam o resultado das atividades realizadas em casa, fazem comentários e perguntas às demais participantes. Neste momento, por volta

das 11h, temos um intervalo para um lanche coletivo que dura uma média de 15 minutos. No retorno, voltamos às apresentações instigadoras e reflexivas feitas pelas próprias mulheres em seus locais de vivência. A partir dessas realidades, entramos no debate sobre diversos temas correlacionados: a divisão sexual do trabalho; o trabalho doméstico; as relações sociais de gênero; e o mercado de trabalho e sua precarização.

A atividade de casa é essencial para isso, pois debatemos a partir da inserção dessas mulheres para depois localizar a realidade delas em geral. Partimos dos casos específicos dessas localidades para debates nacionais e até globais. Essa prática tem a ver com a postura descrita na ‘missão’ do Pacs: tratar do micro ao macro, do local ao global, sempre contextualizando os debates políticos.

Encerramos a primeira parte do dia e vamos almoçar todas juntas. O almoço dura, em média, uma hora. Às 14h retornamos cantando

e dançando para animar. Afinal, o sono não pode impedir nosso objetivo. Um detalhe interessante é que até isso está relacionado à “combinação” feita pelas mulheres no início do curso. Tem a ver com as regras de convivência. Quando acharmos que a programação está dando sono ou está muito cansativa, cada mulher tem a liberdade de interromper, levantar e animar de alguma maneira a turma. Isso é bem legal, já que desperta a criatividade das mulheres. Surgem danças, cantorias, palavras de motivação e carinho e até alongamento!

A segunda parte deste módulo trata-se de uma mesa redonda. Neste ponto cabe destacar a valorização do saber popular. Diferente da maioria de painéis de debate, formados basicamente por acadêmicos, os debates do Mulheres e Economia respeitam o equilíbrio de frentes de luta e a perspectiva de produção do conhecimento.

Convidamos, portanto, uma trabalhadora doméstica, uma professora e uma trabalhadora informal para apresentar seu cotidiano na

- “Ô abre alas que eu quero passar, ou abre alas que eu quero passar, sou feminista não posso negar, sou feminista não posso negar.”

- “João, João, cozinhe seu feijão. José, José, cozinhe se quiser.”

discussão do trabalho invisível realizado pelas mulheres. Ao exporem suas práticas de trabalho, essas mulheres abrem às participantes uma discussão que levanta questionamentos sobre o seu dia-a-dia, dimensões que não são comumente apresentadas nos espaços de formação escolar e nos espaços públicos.

Em seguida, convidamos a todas para assistirem ao filme “Exclusão Social”, fazendo assim o fechamento do tema.

Este filme retrata a exclusão social, em especial o papel da mulher nesse panorama atual de sociedade capitalista, onde ela é vista como mercadoria e que, segundo o relato de Lélia Abramo, já nasce excluída. Uma das principais causas dessa exclusão são as desigualdades sociais, que contribuem em grande parte para a manutenção desse cenário.

O uso frequente de ferramentas de comunicação democratiza informações. Muitas mulheres declaram que quase nunca vão ao cinema, por exemplo, seja pela dificuldade financeira ou pela dificuldade de acesso, já que são poucas as salas de cinema próximas às suas moradias. Ao mesmo tempo, a prática de distribuir materiais audiovisuais de comunicação que estão fora de circulação comercial, valoriza produções audiovisuais e impressas com uma visão crítica sobre a sociedade que vivemos.

A cada final de módulo, preparamos coletivamente o tom da atividade de casa. A proposta é fazer com que a prática de pesquisa se multiplique nos bairros dessas mulheres, montando grupos de formação nesses locais. No caso, a participante do curso Mulheres e Economia seria a grande fomentadora de debates entre outras mulheres.

O Módulo III do curso Mulheres e Economia centra-se nas questões da não existência de políticas públicas para as mulheres. Iniciamos os trabalhos, mais uma vez, com a exibição de um filme. O escolhido para a temática é o “História das Mulheres no Brasil”, realizado pelo Ibase.

Este filme aborda as conquistas obtidas pelas mulheres neste século, que foram as mais significativas de todos os tempos. No Brasil, a mudança da condição e dos direitos femininos é instigante e envolvente. História das Mulheres separa as vitórias e as derrotas das mulheres, mas propõe-se também a derrubar mitos, encorajar debates e análises, estimular a reflexão com base nos fatos apresentados e colocar a questão na ordem do dia.

Após o debate sobre o filme, são feitas as apresentações dos resultados das atividades de casa. Primeiro, as participantes se reúnem nos grupos para trocar informações sobre seus

trabalhos. Este espaço de organização dura aproximadamente 40 minutos.

Depois dessa conversa, os trabalhos são apresentados de forma coletiva. O conjunto de apresentações deve durar no máximo 20 minutos, já que esse encontro é mais curto, durando apenas uma tarde.

Fazemos uma dinâmica: “Contradições do Estado Brasileiro”. Esta dinâmica conta a história do Brasil de 1500 a 2002, dando ênfase às contradições desta formação do Estado brasileiro. Distribuímos o texto de forma aleatória para que algumas mulheres possam ler quando a música pára. O destaque se dá no questionamento: “E se não fosse assim?”. A história é contada em oito partes, e, em cada trecho do texto, paramos e ouvimos uma música que faz a crítica ao tema lido. Iniciamos com o descobrimento do Brasil; a colonização; a proclamação da República; O Golpe de 1930; A indústria automobilística dos anos 50/60; o

Golpe de 64; o êxodo rural, entre 1960/70; a Constituição de 1988; as privatizações dos anos 90 e a introdução da política de modernização, a partir de 2000.

Após a dinâmica, seguimos com o trabalho de grupos. A missão agora é estudar textos de forma coletiva e, em seguida, apresentar os conteúdos a toda a turma. Os recursos utilizados ficam a cargo dos grupos, sendo o formato livre.

Neste momento, é incrível como a criatividade toma conta das mulheres. Geralmente são apresentados desenhos, murais, poesias, músicas e até mesmo esquetes. Logo depois, abrimos para o debate sobre as apresentações e é feita a socialização de opiniões entre todas.

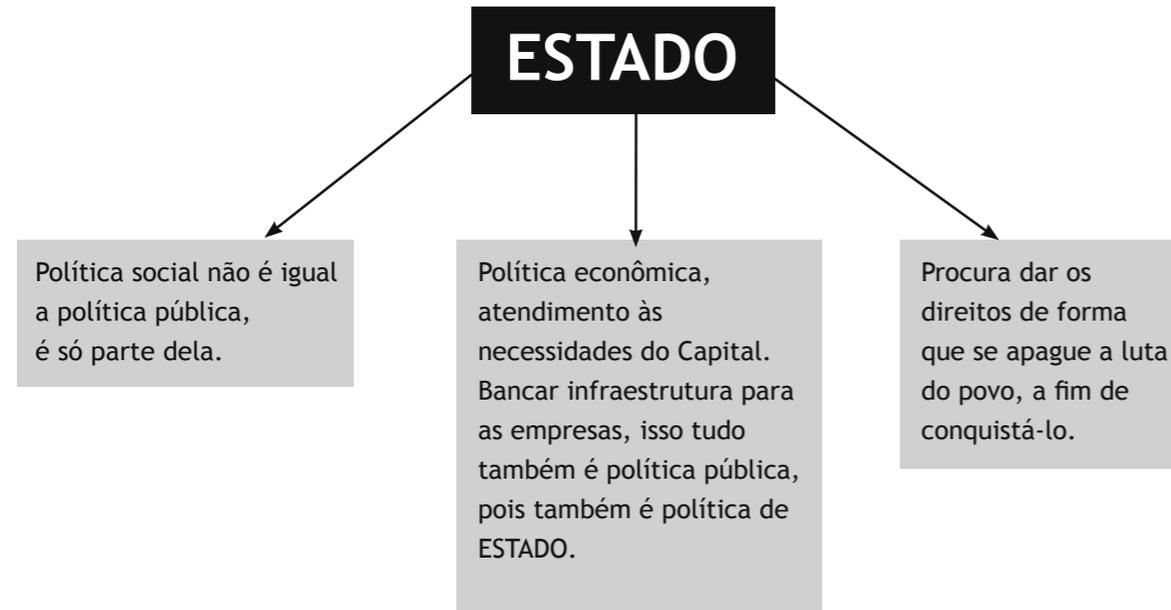
Por volta das 16h15, todos os grupos já se apresentaram. Agora é hora de fazer uma pausa para o lanche coletivo. Na sequência, decidimos o que será feito nas atividades de casa. Mais uma vez, reunidas em grupos, as mulheres deverão



optar por um tema: educação, violência, saúde, entre outros.

Um bom assunto a ser debatido é a diferença entre políticas públicas e comunitárias. Quais são as diferenças entre elas? Esta conversa é levada para a turma do Mulheres e Economia. Para a atividade de casa, as mulheres pesquisam sobre as políticas públicas em sua região voltadas para a área de gênero, procurando observar se são públicas ou comunitárias.

O século XX por sua vez foi marcado pela luta por Direitos Sociais, como: SAÚDE, MORADIA E EDUCAÇÃO



O Estado, em geral, faz o povo acreditar que as políticas sociais são doações, para que não se compreenda que foram ganhas por meio da luta de classes.

Nesta aula mostramos como termos difíceis, como “superávit”, são mais que palavras do “economês”. Entender o que elas significam pode ser uma chave para se compreender o desemprego e o empobrecimento do povo brasileiro.

O encontro começa com a apresentação dos trabalhos de casa, que deve ser sucinta, já que só temos uma tarde de estudo. Organizamos, em seguida, uma mesa redonda para a discussão dos temas: Orçamento Público, Dívida e Superávit Primário. O que esses termos significam? Quais são suas implicações na vida das mulheres? Quem realmente deve a quem?

O QUE É DÍVIDA?

Empréstimo, dependência, desemprego, exploração, inflação, cortes nas políticas sociais, pagamento de juros, investimentos - a Dívida é um grande problema do brasileiro.

No Brasil há dois modelos de dívida pública: interna e externa. A dívida externa é toda aquela que é contraída em moeda estrangeira, ou seja, em dólar, euro, libra, iyen, etc. Dívida interna é fruto de títulos ou bônus emitidos pelo governo que agregam os juros da taxa Selic. Hoje as dívidas interna e externa estão cada vez mais interligadas.

O QUE É ORÇAMENTO PÚBLICO?

É o planejamento das receitas e das despesas. Estabelece o quanto se aplica em cada pasta (exemplos de pastas: Saúde, Educação, Saneamento Básico, Previdência Social, Segurança pública, entre outras) naquele ano. Aqui vale destacar que Saúde e Educação têm um mínimo do que deve ser investido nelas previsto na Constituição de 1988.

O QUE É SUPERÁVIT PRIMÁRIO?

Em primeiro lugar, é preciso entender o que é déficit e o que é superávit. O déficit ocorre quando as despesas são maiores do que as receitas. O superávit ocorre quando as receitas são maiores do que as despesas, num período determinado. No caso do governo, o resultado (déficit ou superávit) é igual aos gastos do governo menos as receitas do mesmo (como tributos diretos, indiretos e outras receitas).

O Superávit Primário é acumulado sacrificando-se o social, deixando de fazer reforma agrária, moradia popular; portanto, deixando o povo em segundo plano para pagar uma dívida que já cansou de ser paga.

Há um intervalo depois da mesa redonda em torno de 10 a 15 minutos, depois retornamos com o trabalho de grupo. As participantes se dividem, e cada grupo recebe um texto para ler, comentar e debater.

Faz parte da nossa metodologia a troca de experiências e a ações para o empoderamento das mulheres. É nítida a mudança nelas, que se sentem mais seguras para falar em público. E porque não brincar de falar para milhões? Neste módulo, montamos um noticiário. Geralmente, as matérias de economia na TV, rádio e jornal são cheias de gráficos e investimentos, cheias de cifras! Mas no noticiário elaborado pelas mulheres e economia é relacionado à realidade de cada uma delas.

Os textos escolhidos são a base para os trabalhos de grupo e levantam debates sobre pobreza e desemprego, por exemplo. Durante uma hora o cochicho entre os grupos é grande. Nesse tempo, as mulheres trabalham os temas e preparam o noticiário. Depois, fazem a

apresentação de forma descontraída, com os “jeitinhos” próprios de cada uma. Já teve âncora de jornal da TV, repórter interpretando as situações e até apresentações de muita sátira em cima dos padrões dos noticiários.

Com a finalidade de criar questionamentos entre as mulheres, apresentamos o programa de rádio Trocando em Miúdos “Dívidas” como finalização do tema.

Para ouvir o programa de rádio Trocando em Miúdos acessar o *site*: http://www.pacs.org.br/publicacoes_audiovisuais.php

Seguimos com a explicação da atividade de casa.

O dever de casa é a leitura da Cartilha das Assembléias Populares e a avaliação do módulo. Para essa avaliação elas deverão trazer por escrito três fichas - uma onde falem: “Que bom!”, ou seja, o que elas destacam positivamente; outra onde elas falem: “Que



pena!”, ou seja, o que queriam que fosse diferente; e a terceira, onde falem: “Que tal?”, ou seja, façam sugestões.

Ao final de cada módulo do curso Mulheres e Economia, abrimos uma rodada de informes e socialização da agenda. Parece um momento simples de encerramento, mas também é objetivo deste curso de formação aproximar as mulheres da luta dos movimentos e organizações sociais.

Em seguida, concluímos mais um módulo com muita música, dança e alegria.

O encontro começa com uma mística que conta sobre algumas lutadoras ao longo de nossa história.

Nesse momento as mulheres trazem os textos pesquisados sobre a biografia de várias lutadoras feministas e as apresentam através de leituras dos mesmos. Exemplo:



Clara Zetkin (1857-1933) foi a primeira grande líder feminina (e feminista) do movimento socialista alemão e internacional. Em 1891 passou a ser redatora do órgão de imprensa feminina da social-democracia alemã, considerado o jornal feminista de maior influência na história. Em 1896 apresentou o seu famoso informe sobre a questão da mulher no Congresso do Partido em Gotha. Zetkin foi uma das poucas, ao lado de Rosa de Luxemburgo, a romper com a direção reformista do Partido Social-

democrata alemão, após a eclosão da I Guerra Mundial, e a ajudar a organizar o Partido Comunista. Foi eleita membro do Comitê Executivo da Internacional Comunista e presidente do Socorro Vermelho, organização mundial de solidariedade às vítimas da reação e do fascismo. Quando Hitler assumiu o poder ela era deputada comunista no Reichstag e teve que se exilar na URSS, onde veio a falecer ainda em 1933. Seu corpo foi enterrado nas muralhas do Kremlin ao lado dos heróis da revolução.

Logo depois, iniciamos a apresentação dos trabalhos de casa. Durante uma hora todas as mulheres apresentam de forma livre os resultados de suas pesquisas nos respectivos locais de moradia.

Neste módulo, siglas que parecem verdadeiros lobos bem maus na boca de especialistas são apresentadas para as mulheres de forma simples. “Em que o Banco Mundial influencia na minha vida”? “O que é BID”? “Passarinho em inglês”? “Não! Esse é *bird*”. “E FMI”? “Parece nome de inseticida”.

O FMI (Fundo Monetário Internacional) surge na Conferência de Bretton Woods já após uma disputa de posições, pois um dos economistas que pensou este fundo, John Maynard Keynes, entendia que deveria ser criada uma moeda internacional, que não fosse a moeda corrente de nenhum país, mas os representantes dos Estados Unidos (que já eram muito fortes na época) impuseram o dólar como moeda mundial, a partir da qual se dariam os empréstimos e os pagamentos administrados pelo FMI. Os EUA ganham esta disputa e portanto se tornam uma espécie de Banco do Mundo, por serem o único país que produz a moeda usada nas negociações internacionais.

QUANDO SURGEM AS ORGANIZAÇÕES MULTILATERAIS?

Estas organizações internacionais, chamadas de instituições financeiras multilaterais, ou seja, que não pertencem a nenhum país, surgem no pós-segunda guerra mundial, onde o capitalismo disputa o mundo com o chamado socialismo real, e por isso precisa se apresentar como “bom”, ajudar na reconstrução da Europa, continente mais atingido pelas guerras, e assim controlar o avanço da União Soviética.

BID - BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO

O FMI avalia a confiabilidade ou não de um país para que o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) então emprestem o dinheiro, em dólar, para nós gastarmos em real, e depois devolvê-lo em dólar. Um exemplo de projeto que pegou esse empréstimo com o BID foi o Favela-Bairro. Se foi feito no Brasil com tijolo brasileiro, então por que pegar o dinheiro emprestado com fundos internacionais? Por que esses organismos dizem que o governo brasileiro não tem dinheiro? Porque o dinheiro que efetivamente temos deve ser usado para pagar a dívida externa, ou seja, o dinheiro que o país arrecada não pode ser reinvestido aqui porque tem de se cumprir as metas de superávit, e as obras sociais tem de ser feitas com empréstimos.

BM (BANCO PARA RECONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO MUNDIAL)

O presidente deste banco sempre foi e é estadunidense. E a função deste banco é emprestar dinheiro a juros altos e com pré-condições, como por exemplo, as privatizações. A cada novo empréstimo o BM aumenta essas pré-condições.

Mesmo que o curso Mulheres e Economia seja dividido em módulos, nunca as discussões são estanques, isto é, feitas de maneira separada. A reflexão deve incluir faces específicas da vida de cada uma dessas mulheres, porém é objetivo do curso apresentar elementos para que elas percebam que pertencem a um conjunto de pessoas que têm, em muitos aspectos, realidades parecidas. Elas percebem que pertencem a uma mesma classe.

Aproveitamos, então, para refletir sobre a relação dessas instituições - Banco Mundial, FMI, BID, entre outras - com as políticas públicas para as mulheres, assunto estudado no módulo anterior. Depois, abrimos um espaço para debate e questionamentos referentes ao tema.

Fazemos o intervalo costumeiro com lanche coletivo. Retornamos com os trabalhos de grupo da seguinte maneira: distribuimos revistas e jornais para uma leitura coletiva de fotos e imagens. Todas procuram imagens que tenham muito a dizer sobre as representações dos temas e, inclusive, das mulheres na sociedade.

As participantes dividem-se em grupos de cinco, que receberão um texto-base para debater. Seguimos com a apresentação dos trabalhos, com um debate sobre as apresentações e a socialização das opiniões entre todas.

Como sempre, a cada módulo, as mulheres levam para casa uma atividade. Essa é uma tentativa de envolver o restante da família na temática.

O dever de casa é uma redação sobre o tema do curso, "relação entre mulheres e economia", que pode ser feita em forma de texto ou de tópicos. O texto deverá abordar: as contribuições do curso para que cada uma entenda sua realidade concreta, o que fazer ao término do curso, como dar continuidade aos estudos e à mobilização, e como difundir o que debatemos, para contribuirmos na alteração da nossa realidade.

Como complemento de conteúdo desta aula, todas são convidadas a assistir ao filme "As mudas romperam o silêncio das mulheres da Via Campesina", do 8 de março de 2006. A pauta agora é o debate sobre o agronegócio.

Chegamos ao final do curso Mulheres e Economia. Durante os estudos, as participantes tiveram contato com temas importantes para a nossa sociedade. Identificamos as mazelas do atual sistema econômico. Porém, acreditamos que apontar um novo modelo de desenvolvimento, uma nova forma de economia, é muito importante. Maneiras de se construir a socioeconomia solidária, uma economia crítica e tão voltada para as mulheres, é o principal ponto deste último módulo.

E os estudos acontecem em três momentos. Como este é o último encontro, não começamos as atividades como nos outros módulos, em que as mulheres apresentavam os acúmulos do estudo realizado em casa. Esse retorno será dado mais tarde, junto com o espaço de avaliação do curso.

As atividades deste último módulo duram o dia todo, de 9h às 17h. Nesse primeiro momento, fazemos um contraponto ao modelo econômico dominante, estudado em diferentes frentes nos módulos anteriores.

De manhã iniciamos os trabalhos com a dinâmica do “Bom dia” para “acordar”. Logo depois, mais uma ferramenta de comunicação: o programa Trocando em Miúdos sobre “Mulheres e Economia Solidária”.

Para assistir ao programa Trocando em Miúdos basta acessar o *site*; http://www.pacs.org.br/publicacoes_audiovisuais.php

Depois, partimos para os trabalhos de grupo com textos que reflitam acerca da participação das mulheres na economia solidária, ou que tratem dos diálogos de valores entre a economia solidária e a economia feminista. Também são levantados, neste momento, pela nossa equipe e pelas participantes, os desafios para as mulheres nesses grupos de produção e mesmo no trato com sua família.

Para Sandra Quintela, 2006, a **Economia feminista** estuda a história do pensamento econômico numa vertente dupla: a crítica à invisibilidade das mulheres no pensamento clássico e neoclássico e

a recuperação das ideias de algumas economistas silenciadas pela História.

A proposta da **Economia solidária** é a de criar formas alternativas pautadas na cooperação e na solidariedade, centradas no trabalho e que contribuam na sustentabilidade da vida e do planeta, e não apenas visando o lucro, como a Economia capitalista.

Avançamos, após o retorno dos trabalhos, com uma mesa redonda: Mulheres e a Economia Solidária. Geralmente, convidamos mulheres de entidades parceiras, professoras universitárias ou mesmo militantes de movimentos sociais para contar sobre suas experiências.

Após esse diálogo, vamos almoçar juntas. E a atividade em seguida é novamente a montagem do Mapa Conceitual, feito pela primeira vez no primeiro módulo do curso. Mas qual é o motivo de repetir esse exercício? Elas mesmas vão perceber o quanto aprofundaram os elementos apontados na primeira etapa dessa atividade.

No mapa conceitual do Módulo I - Economia, as palavras-chave foram:

planejamento,
organização,
balanço (equilíbrio),
dívida,
educação,
lucros,
lista gastos,
preços,
controle.

No último módulo, olhem só as mudanças!

O grupo foi um pouco modificado, pois algumas companheiras da primeira aula não compareceram e outras, que não tiveram na primeira aula, foram incluídas no grupo.

Discutimos o modelo do cartaz e expomos as nossas ideias para serem colocadas à mostra.

Algumas dessas palavras foram:

**capitalismo,
poder político,
exploração do trabalho,
economia.**

E como contraponto a esse modelo surgem as palavras-chave:

**solidariedade,
trabalho livre,
coletividade,
economia solidária.**

As palavras do mapa do Módulo I - Feminismo, foram:

**vida,
luta,
justiça,
direito,
decisão,
coragem,
educação,
igualdade,
emancipação,
autonomia.**

Nossos pensamentos mudam!

Ao longo do curso podemos observar e aprender que a palavra "feminismo", quando a ouvimos, nos traz uma outra ideia.

Agora sabemos que feminismo é: conhecimento, consciência, luta, força, mobilização, organização, liberdade, igualdade, direitos e emoção.

Em seguida, os grupos socializam os trabalhos de casa, feitos do módulo V para o VI. São lidas também as cartas de avaliação do curso, em que as mulheres falam um pouquinho sobre as transformações e os conhecimentos obtidos durante o curso. Essa socialização faz com que elas pensem individual e coletivamente os desafios postos a elas, mulheres.

Carolina Alves dos Santos

Esta já é a minha segunda participação no curso de Mulheres e Economia. E como da primeira vez, correspondeu muito às minhas

expectativas, resolvi fazer de novo.

Aprofundei alguns temas, tirei dúvidas sobre algumas questões que estavam pendentes, e aprendi outros assuntos, os quais não havia tido no curso anterior.

Como já havia feito o curso anteriormente, tive a oportunidade de participar do Seminário em Santa Tereza, o que eu gostei muito. Tive ainda, por meio do curso Mulheres e Economia, a chance de estar na Marcha Mundial das Mulheres, realizada no dia 08 de março.

Lucia Helena G.D. Leandro

Gostei muito deste curso. Aprendi muita coisa e me fiz uma nova mulher. Gostaria de participar de cursos que tenham mulheres. Agradeço por estas oportunidades que vocês me deram. Ah! Que bom que nós iremos nos encontrar de novo. Não vamos perder o contato nunca. A luta é nossa, mulheres! Agradeço a todas.

Olha aí o que aprendemos neste curso:

"a discussão no grupo é a de que o papel da economia é fazer com que possamos adquirir conhecimentos necessários para a utilização dos recursos de forma racional e consciente. É por meio do trabalho, do processo de produção, que os bens e serviços são produzidos para satisfazer as necessidades. Esse trabalho pode ou não ter valor. O trabalho doméstico realizado pelas mulheres, por exemplo, durante muito tempo não foi valorizado, pois não produz riqueza material e portanto não tem valor de troca. Nossa conclusão é que houve a participação de todas de forma igualitária, onde todas deram suas opiniões".

Lilian Salles

"Nós mulheres, que procuramos nos informar, após o curso, percebemos que já temos alguma bagagem cultural e materiais, para que sutilmente, ou não, comecemos a abrir os olhos da mãe, irmãs, amigas e comunitárias, pois recebemos informações reais e precisas. Sabemos que sem lutas não há possibilidade de vitórias e, a luta não é só ir as ruas, mas

conscientizar, conscientizar, conscientizar, as pessoas através desses cursos de formação. A minha proposta é que a continuidade de minha parte será reunir mães da comunidade do Parque Colonial em Belford Roxo, onde moro, para participarem de palestras, oficinas, curso”..

Ao final de seis encontros - regados a muita troca, sorrisos e reflexão - realizamos de forma coletiva a dinâmica de encerramento.

Essa dinâmica de encerramento se dá com cada uma entregando o certificado a outra companheira e falando alguma qualidade desta. Fazemos trocas solidárias com artesanatos ou quitutes feitos por elas. Durante esse momento trocamos muitos afetos também. Abraços de saudades, de convívio e de desabaços de como éramos antes dessa formação e como estamos agora. Muita alegria, coragem, estímulo e companheirismo para as lutas. Saímos sabendo que temos espaços coletivos para lutarmos juntas!!!

POEMA

SINAIS DE OUTRA ECONOMIA...

TANTO TEMPO! 200 ANOS
PARA ENTÃO SER TRAZIDA À LUZ
A ECONOMIA SOLIDÁRIA
A QUE O FEMINISMO CONDUZ

CONDUZ POR SER CRIADORA
CRIADORA COMO MULHER
QUE DÁ A LUZ, CRIA E SOFRE
E LUTA PARA O CAPITALISMO
NÃO FAZER O QUE QUER

DESAFIO? ESTA É A PALAVRA CERTA
PARA A BASE DA SOBREVIVÊNCIA DAS FAMÍLIAS
QUE HOJE SE REÚNEM E DEBATEM
COMO REEDUCAR AS SUAS FILHAS

NA ECONOMIA SOLIDÁRIA SE ENCONTRA
UMA NOVA FORMA DE CONSTRUÇÃO
DE UM MUNDO FEMININO QUE LUTA
POR IGUALDADE, DIREITOS E COMUNHÃO

MULHER-BASE, ORGANIZANDO
O PLANEJAMENTO DA FAMÍLIA
DEIXANDO DE SER “O PANO DE FUNDO”
COM CERTEZA SERÁ VITORIOSA
POIS QUEM MUDA A FAMÍLIA, MUDA O MUNDO.

(LILIAN SALLES COSTA)



Nada como uma linda confraternização com quitutes e bebidinhas para alegrar e festejar o final desta formação em economia e feminismo.

Ficha para atividade de casa do Módulo II. Entregar no Módulo III.

Bairro ou Região: _____

Quantas creches públicas (estadual, municipal) têm no bairro / região pesquisada?

 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 ou mais.

Quantas famílias são atendidas por essas creches? _____

E quantas creches comunitárias?

 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 ou mais.

Quantas famílias são atendidas por essas creches? _____

Quantas escolas de ensino fundamental (1ª a 8ª séries) existem no bairro / região da pesquisa?

 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 ou mais.

Quantos meninos e meninas estudam nessas escolas de ensino fundamental?

Quantas escolas de ensino médio (2º grau / profissionalizante) têm no bairro/ região foco de sua pesquisa?

 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 ou mais.

Quantos jovens estudam nessas escolas de ensino médio?

Quantos hospitais públicos têm no bairro/ região ?

 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 ou mais.

Quantas pessoas são atendidas por esses hospitais por dia?

Quantos postos de saúde têm no bairro/região ?

 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 ou mais.

Quantas pessoas são atendidas por esses postos de saúde por dia?

Escreva aqui a diferença percebida por você entre as instituições públicas e as comunitárias pesquisadas. _____

Existe no seu bairro ou região alguma mobilização para reivindicar melhorias para o local?

Se houver, conte-nos um pouco sobre essa mobilização:

Existe no seu bairro ou região algum movimento social organizado (associação de moradores, Ação da Cidadania, grupo de mulheres...)?

Caso a resposta anterior tenha sido sim, diga qual o movimento? Pelo que luta?

Quais as opções de transporte coletivo que possui o seu bairro/ região?

Há saneamento básico no seu bairro/ região?

E coleta regular de lixo?

Seu bairro/ região costuma ser muito afetado nas chuvas e enchentes? Como?

*Grupo 1:

Participantes: Márcia Regina, Márcia Helena, Marilda, Adriene, Neide, Joselina, Eliane, e Bárbara Danielly.

Livro: Realidades da Vida!

Rotina do homem

Segunda à sexta:

- levanta cedo e vai trabalhar;
- chega à noite e janta;
- cobranças - filhos educados; casa arrumada; contas pagas; sexo;
- deita e dorme.

Sábado e domingo:

- farra;
- futebol;
- prioridade para a televisão.

No geral, todo homem é igual!!!

Rotina da mulher

Segunda à segunda:

- funções básicas:
- lavar;
- cozinhar;
- passar;
- trabalhar fora;
- estudar;
- cuidar da aparência.

Responsabilidades: levar ao médico, à escola, fazer compras, pagar contas, cuidar das crianças, etc.

E ainda encontra tempo para os trabalhos sociais.

Grupo 2:

Participantes: Clotilde, Marinêz, Moara, Kenia, Luiza Maria, Angélica, Joana, e Conceição.

	Mulheres:	Homens:
Trabalho remunerado	X	X
Cozinhar	X	X
Lavar a louça e limpar a cozinha	X	
Arrumar a cama	X	
Limpar e arrumar a casa	X	
Limpar banheiro	X	
Lavar a roupa	X	
Fazer compras (mercado, açougue, feira)	X	X
Cuidar das crianças	X	X
Cuidar de animais domésticos	X	X
Levar as crianças na escola, na creche	X	X

Grupo 3:

Participantes: Marcia Rita, Flavia, Márcia Leão, Celina, Sônia, Rosângela, e Iracy

Rotina do Casal

Homem:

- acorda (05:30h);
- se arruma(06h);
- rotina do café -
revesamento = um dia para cada um;
- sai para o trabalho;
- retorna - às vezes com compras;
- janta;
- vê TV/ lê jornal;
- prepara-se para dormir;
- conversa um pouco com a mulher;
- dorme.

Mulher:

- acorda;
- se arruma;
- rotina do café - revesamento = um dia cada um;
- sai para o trabalho + deixa os/as filhos/as no colégio;
- retorna do trabalho + pega os/as filhos/as na escola;
- prepara o jantar;
- limpa a cozinha e a casa;
- coloca os/as filhos/as para dormir;
- se arruma para dormir;
- conversa com o marido;
- dorme.

Feminismo - Grupo 1

Participantes: Regina Fátima, Maristela, Sandra Regina da Silva, Rosa, Leila Regina, Carmem Lucia, Ana Cristina, Elza, Sabrina, Verônica Rocha, Crislaine, e Helena.

Solidariedade
Igualdade
Respeito
Conscientização
Educação política
Liberdade de escolha

FEMINISMO

Submissão
Cultura machista
Mercado de trabalho

Feminismo - Grupo 2

Participantes: Marilene dos Santos, Silvana Regina, Maria de Lourdes da Silva, Maria Luiza da Silva, Lidiane Alves dos Santos, Rosangela de Jesus Bastos, Eliza Martins, Márcia Regina, Sílvia Zuleica, e Maria José do Nascimento Lopes.

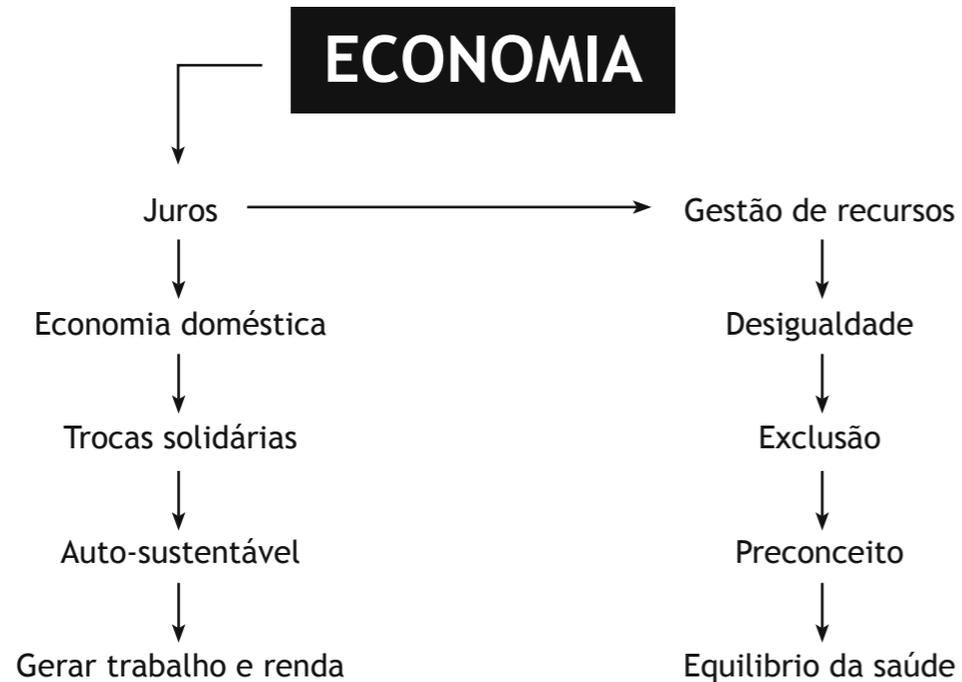
FEMINISMO

Somos a maioria!!!
Regrediu na sociedade
Falta de união
Acordar para a sociedade
As mulheres não fazem política entre elas
Lutar pelo hoje

Rever as desigualdades
Respeito para a saúde e a educação
Ser perseverante nas atitudes
Avanço no mercado de trabalho

Economia - Grupo 1

Participantes: Ivete, Eliane Pereira, Mônica, Norma, Val, Eliane Mansur, Márcia Soares, Ana Cristina, Kelly, Chocolate e Maria Célia.



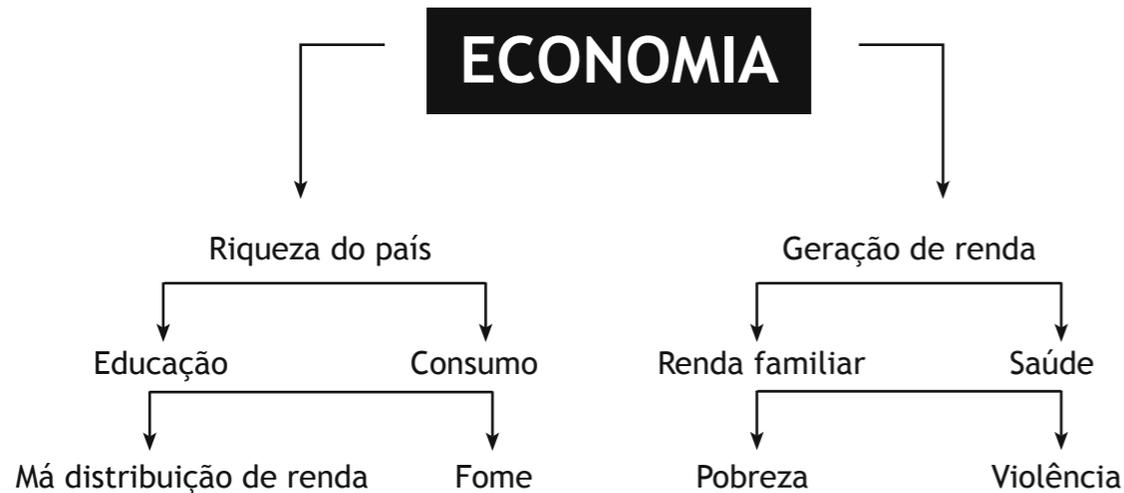
Economia - Grupo 2

Participantes: Andréa Moderno Casanova, Rosangela Pereira da Silva, Sueli Lourdes Miranda, Maria Flor, Marlene Barbosa Francisco, Leila Lima de Souza, Ivanete, Lair, e Nemesse.



Economia - Grupo 3

Participantes: Andréia Fortes de Lima, Alda Maria, Maria Jane, Rachel, Gloria, Maria de Fátima, Idenir, Terezinha, Rosane, Maria Pedro, Ana Maria.



Feminismo

O feminismo é um movimento político, de ideias e práticas que têm o objetivo de construir um mundo melhor, com justiça e igualdade para todos e, sobretudo, sem opressão e discriminação às mulheres.

Uma mulher feminista é uma mulher que luta pelos seus direitos, para acabar com as desigualdades entre mulheres e homens e não para ser superior a estes.

Desde o século XVIII, as mulheres se organizam para lutar pelos seus direitos, no entanto o feminismo passou a ser reconhecido como movimento apenas no fim do século XIX. E se desenvolveu com mais ou menos força em diferentes períodos.

No começo do século XX, as mulheres formaram grandes organizações que lutaram e conquistaram o direito à educação, ao voto e a certas profissões, como a advocacia e o

magistério. As trabalhadoras, no Brasil e no mundo destacam-se na luta por melhores condições de trabalho e salário.

No fim dos anos 60, houve uma nova onda de feminismo na Europa e nos EUA, que chegou ao Brasil nos anos 70. Vários grupos foram criados em todo o País. As mulheres lutaram pelo direito de decidir se queriam ou não ser mães e por creches públicas; denunciaram a violência e se organizaram em torno de várias lutas.

A participação intensa de mulheres na constituinte de 1988 foi uma das marcas dos anos 80. Na década de 90, ganhou força a reivindicação da participação das mulheres na política e a exigência de que os governos tenham ações concretas para melhorar a vida delas.

Quando olhamos para a História, podemos observar que o direito de votar e ser votada,

de poder trabalhar, de estudar, de participar da vida política, foram importantes conquistas do feminismo. No entanto, a igualdade real entre mulheres e homens ainda está por ser conquistada.

Você Sabia...

Que Olympe de Gouges, em plena Revolução Francesa, escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, diante da exclusão das mulheres na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão?

Que Hypatia de Alexandria, cientista, filósofa e matemática, que viveu entre os anos 370 e 415 depois de Cristo, inventou o astrolábio (que revolucionou as técnicas da navegação)?

Que as mulheres foram as primeiras médicas, parteiras e estudiosas de anatomia da história ocidental?

Que Maria - a Judia, importante alquimista, fez descobertas que foram de enorme contribuição para a construção das bases da Química Moderna?

E que também foi inventora de instrumentos de laboratório e do famoso método de aquecer em "banho-maria"?

Fonte : Nem Mais, nem Menos: Iguais: Cartilha para alunos; Coordenadoria Especial da Mulher - PMSP - São Paulo, 2002.

Mulheres e Economia

As mulheres no conjunto da sociedade são as maiores responsáveis pela reprodução humana, pela preservação da vida e pelo cuidado das pessoas. Vocês já prestaram atenção a isso? Só que todos esses trabalhos não são considerados trabalhos economicamente rentáveis. Vamos ver a seguir que trabalho é esse.

Reprodução da vida: é o cuidado da casa, da preparação do alimento, o acordar e preparar os filhos para ir à escola, garantir que os membros da família possam se reproduzir a fim de produzir para o conjunto da sociedade.

Preservação da vida: as mulheres, em muitos países, estão à frente na construção de bancos de sementes, no cuidado com o meio ambiente, na luta antiguerra, nas campanhas contra a violência, na luta pelo respeito aos direitos humanos.

Cuidado com as pessoas: quando filhos, maridos, pais, sogros e sogras, ou qualquer membro da

família estiver com algum problema de saúde, indubitavelmente são as mulheres que assumirão o acompanhamento na ida a médicos, hospitais, etc. São as mulheres, na grande maioria dos casos, que cuidam dos idosos e dos filhos.

Namaneirapelaqualaeconomiaestáestruturada e organizada, somente bens e/ou serviços que possam ser comercializados, colocados no mercado, são viáveis economicamente, uma vez que eles têm valor de troca. Para aqueles que possuem apenas valor de uso seu lugar é infinitamente inferior na escala de valores da ciência econômica. Por isso, o diamante é muito mais valioso do que o cuidado da casa. Pois existem interessados em comprar diamantes e não em pagar bem pelo serviço doméstico. E como os diamantes são escassos, eles valem, todavia, muito mais.

Assim, historicamente, o trabalho realizado pelas mulheres não teve o reconhecimento merecido, uma vez que o que elas faziam não tinha valor de troca e existia em abundância.

O movimento de mulheres teve de lutar muito para que as mulheres rurais, por exemplo, denominassem seu trabalho de “trabalho” e não de “ajuda”, para que as empregadas domésticas tivessem os mesmos direitos que outras trabalhadoras. Todas as conquistas das mulheres no mundo do trabalho se deram a partir de muita luta. Nada foi de graça.

Lutar por uma economia pela vida: um aprendizado com as mulheres.

Hoje já não basta que lutemos por um espaço digno na sociedade e especialmente no mundo do trabalho. O desafio é muito maior: é o de como construir um sistema econômico que garanta o atendimento às necessidades humanas essenciais e fundamentais.

O mecanismo em torno do qual a economia está organizada é abastecido, lubrificado e mantido pela lógica da destruição e da morte. Violência, desemprego, miséria e guerras crescentes afirmam e renovam este mecanismo.

Toda a lógica da economia dominante é uma lógica de morte: uma floresta não tem valor econômico em si, só se ela virar madeira, pasto, etc. Ou seja, só se ela for morta. Não é à toa que os povos das florestas lutam por uma outra forma de aproveitar sustentavelmente seus recursos.

Temos de construir um sistema onde em primeiro lugar esteja o direito básico de comer, vestir-se, morar, educar-se, viver saudavelmente e em liberdade. Para isso é necessário que invertamos a lógica de como a economia está organizada.

No campo das relações humanas dentro do mundo do trabalho, elas foram se afirmando na medida exata em que era o inverso das relações familiares, de amizade, de vizinhança. Não que essas sejam isentas de contradições. Mas o concorrer e o competir ganham dimensões infinitas no mundo do trabalho.

É urgente e necessário começar e reforçar a visão de que é possível construir outras relações em torno da qual está organizada a produção de bens e serviços, sua distribuição e consumo.

Existem inúmeras experiências econômicas de iniciativa e com participação de mulheres. São os chamados grupos de geração de trabalho e renda, cooperativas, associações, etc. Diante delas o desafio é perceber em que elas aportam para a construção desses outros modelos econômicos, centrados no atendimento às necessidades materiais básicas.

Livros, pesquisas, reportagens sobre o tema, ainda que escassos, apontam para a direção de que o trabalho desenvolvido nessas experiências econômicas de mulheres tendem a desenvolver outros valores permeando essas relações, principalmente a solidariedade construída no cotidiano. Pode parecer um tanto geral, mas são indícios de que precisam ser melhor entendidos e visualizados.

Para a construção dessa economia pela vida tem-se muito que aprender com o movimento de mulheres, afinal foi ele que desconstruiu “verdades” naturalizadas, tais como “mulher não trabalha”, “mulher é para ficar em casa”. E ao mesmo tempo, nesse movimento, construíram-se novos lugares e olhares sobre as mulheres.

O mesmo precisa ser feito com relação à economia. Precisamos desnaturalizar que só aquilo que tem valor monetário tem valor econômico. O que é mesmo valor? Vamos pensar sobre isso?

É da economia que tiramos nosso sustento material. Precisamos fazer com que ela esteja nas nossas mãos.

À luta!

Sandra Quintela - Socioeconomista - Pacs

Roteiro para Entrevistar uma Mulher de Economia Solidária - dever de casa

- Nome completo:
- Idade:
- Se tem filhos/as e quantos/as:
- Estado civil:
- O que faz?
- Em que condições você trabalha?
- Como é o seu ambiente de trabalho?
- Com que tipo de pessoas você trabalha?
- Já teve algum problema com pessoas no seu ambiente de trabalho, tanto interno quanto externo?
- Quantas mulheres e quantos homens você convive no seu local de trabalho?
- Com quantas mulheres e quantos homens você convive?
- Satisfação no que faz?
- Que profissão pretendia exercer?
- Conseguiu exercer a profissão desejada?
- Consegue satisfação no que realiza atualmente?
- O que falta para a sua realização?
- Qual a sua opinião a respeito de a secretaria da Senaes não possuir mulheres trabalhando,

já que o movimento da FCP é dentro dos Empreendimentos de Economia Solidária e tem uma maioria significativa de mulheres?

- Na sua opinião, qual a visão do papel da mulher nos Empreendimentos de Economia solidária? Qual sua opinião a respeito do fato das mulheres exercerem e executarem as mesmas funções dos homens e receberem salários inferiores?
- Com respeito às políticas públicas para as mulheres, você as considera como uma das vitórias da luta das mulheres por igualdade de direitos e de respeito?
- O que você achou desta entrevista?

Roteiro para Entrevistar uma Trabalhadora Doméstica - dever de casa

- Nome completo:
- Idade:
- Se tem filhos/as e quantos/as:
- Estado civil:
- O que faz?
- Ambiente e condição de trabalho:
- Em que condições você trabalha?

- Como é o seu ambiente de trabalho?
- Com que tipo de pessoas você trabalha?
- Já teve algum problema com pessoas no seu ambiente de trabalho, tanto interno quanto externo?
- Qual a sua jornada de trabalho?
- Você dorme na casa da sua patroa?
- Você tem de olhar crianças?
- Você é a única funcionária na casa, ou tem mais alguma que divida as tarefas com você?
- Que profissão pretendia exercer?
- Conseguiu exercer a profissão desejada?
- Consegue satisfação no que realiza atualmente?
- O que falta para a sua realização?
- Qual a sua opinião a respeito do sindicato das empregadas domésticas?
- Qual a sua opinião a respeito do fato das mulheres exercerem e executarem as mesmas funções dos homens e receberem salários inferiores?
- Com respeito às políticas públicas para as mulheres, você as considera uma das vitórias da luta das mulheres por igualdade de direitos e de respeito?
- O que você achou desta entrevista?

Resposta:

As apresentações dos grupos foram assim:

Grupo 1

Doméstica	Economia solidária
<ul style="list-style-type: none"> • Desconhece o sindicato. • Jornada de trabalho diária ultrapassa oito horas. • Desconhece as políticas públicas. 	<ul style="list-style-type: none"> • É babá em casa e confeitadeira. • Trabalhou e não recebeu. • Falta de reconhecimento de seus direitos.

Grupo 2

Trabalhadora doméstica	Mulher da Economia
<ul style="list-style-type: none"> • Falta de oportunidades. • Necessidade para a sustentação da família. • Concordam com a igualdade social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalham em casa e fora também. • Lutam para ajudar ao próximo com troca de materiais. • Fazem feiras comunitárias para gerar renda para algumas instituições.

Grupo 3

Diarista	Mulher da Economia solidária
<ul style="list-style-type: none"> • A única opção foi ser diarista. • Baixa escolaridade e às vezes analfabeta. • Achou-se importante ao ser entrevistada, pois foi a primeira vez. 	<ul style="list-style-type: none"> • Procura sempre melhorar as suas condições e de suas companheiras. • Encontra dificuldades internas e externas. • Dificuldades financeiras e de espaço para fazer o seu trabalho solidário.

Grupo 4

Trabalhadora doméstica	Economia solidária
<ul style="list-style-type: none"> • Nunca é respeitada quanto às horas de trabalho que executa. • Quando perguntadas sobre o sindicato das empregadas domésticas, acham ótimo, só depende dos sindicalizados acompanhar o desenvolvimento. • Quanto às políticas públicas para as mulheres, o respeito existe, mas ainda faltam muitas coisas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Senaes - falta política dentro da própria instituição que acolhe o movimento FCP. • Salários inferiores - discriminação e certo preconceito de uma sociedade machista. • Economia solidária - há uma grande confusão ainda quanto esta questão dentro do próprio processo de militância, pouco esclarecimento e pouca informação.



O Pacs - Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul é uma organização sem fins lucrativos, dedicada ao Desenvolvimento Solidário, que trabalha com educação, pesquisas e práticas socioeconômicas, e tem sede no Rio de Janeiro. A proposta do Pacs é colocar o trabalho e a criatividade de sua equipe a serviço dos movimentos sociais, das entidades eclesiais, dos governos populares, dos grupos de produção associada (cooperativas, empresas autogestionárias, associações, grupos informais e escolas de trabalhadores), das escolas públicas e de outras organizações de desenvolvimento solidário, pensando a economia de forma

diferente e buscando outros rumos ao nosso sistema sócioeconômico. O Pacs produz estudos, análises e reflexão crítica sob a forma de publicações impressas e audiovisuais; políticas alternativas e projetos de desenvolvimento; assessorias e atividades educativas.

A ação do Instituto se resume em oferecer o máximo de apoio, subsídios e sinergia no processo de empoderamento dos seres humanos para que se tornem sujeitos plenos, conscientes e soberanos do seu próprio desenvolvimento enquanto pessoas e coletividades.

